

Você sabe dizer Enauenê-Nauê sem gaguejar?
Rita Carelli, a autora deste livro, sabe muito bem.
E tem mais: ao passar parte da infância na aldeia
indígena dos Enauenê-Nauê, ela aprendeu não
só novas palavras, mas também costumes muito
diferentes daqueles a que estava habituada na
cidade. Na vida da aldeia, algo em especial chama
a sua atenção: as brincadeiras e responsabilidades
são diferentes para meninos e meninas. Ela se
vê então num impasse. Prefere brincar, nadar
no rio ou jogar futebol de cabeça a cuidar dos
bebês, pilar ou fiar. E agora? Fruto de uma
inesquecível experiência pessoal, *Minha família
Enauenê* aborda, de forma sensível e divertida, a
importância de compreender, respeitar e valorizar
diferentes modos de vida.

Minha família ENAUENÊ

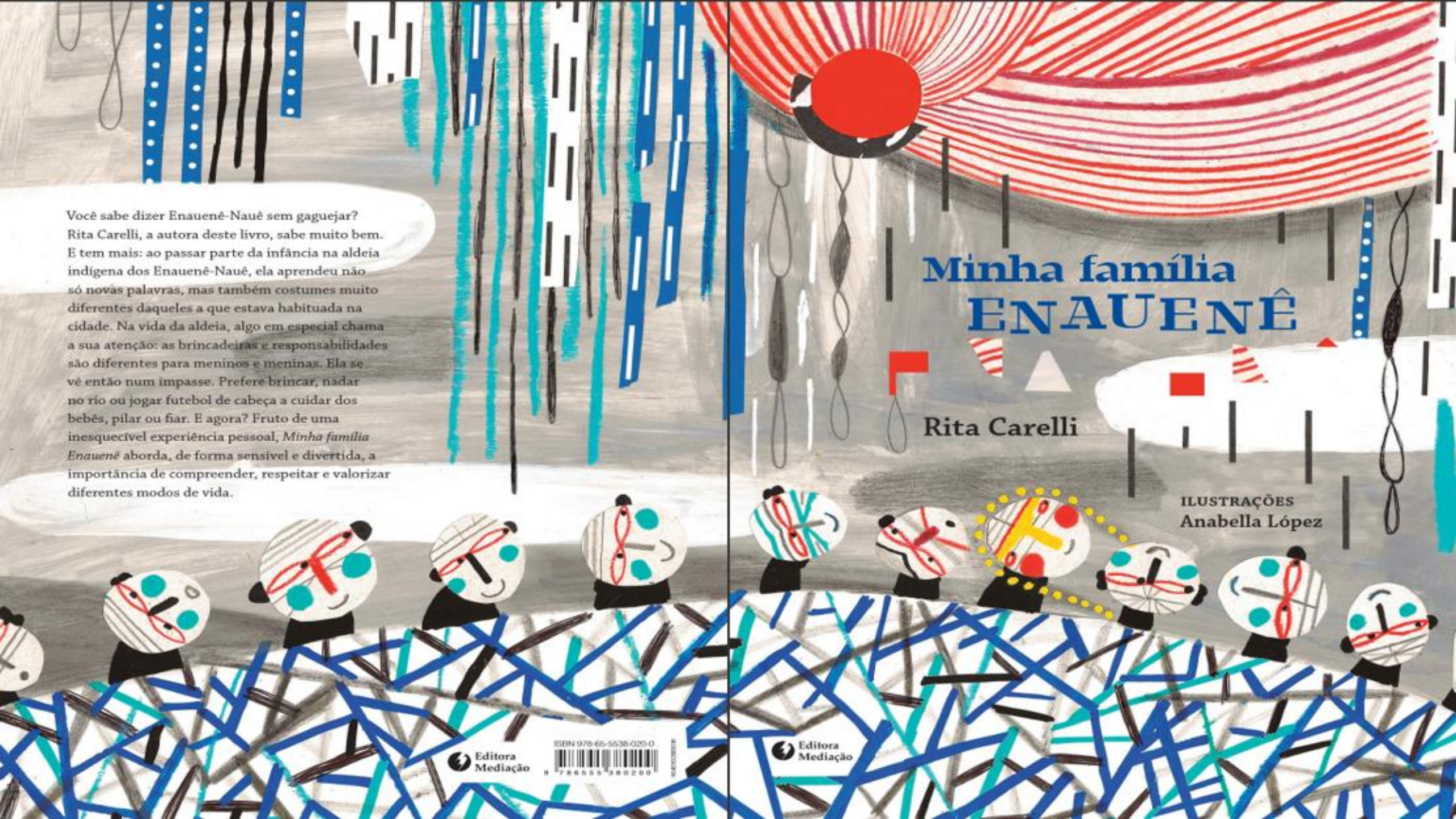
Rita Carelli

ILUSTRAÇÕES
Anabella López

Editora
Mediação



Editora
Mediação



Minha família
ENAUENÊ





Minha família ENAUENÊ

Rita Carelli

ILUSTRAÇÕES
Anabella López



1ª edição
 Editora
Mediação
Porto Alegre - 2021





Copyright © Rita Carelli, 2021
Todos os direitos reservados à

EDITORA MEDIAÇÃO DISTRIBUIDORA E LIVRARIA LTDA.

Rua Ramiro Barcelos, nº 344, sala 2
Bairro Floresta – Porto Alegre – RS
CEP 90035-000
Tel. (51) 3204-8100
faleconosco@editoramediacao.com.br
www.editoramediacao.com.br

Editor assistente Bruno Salerno Rodrigues
Revisoras Livia Perran e Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carelli, Rita
Minha família Enauenê / Rita Carelli; ilustrações Anabella
López. – 1. ed. – Porto Alegre : Editora Mediação, 2021.

ISBN 978-65-5538-020-0 (aluno)
ISBN 978-65-5538-021-7 (professor)

1. Índios – Literatura infantojuvenil
 2. Literatura infantojuvenil I. López, Anabella.
- II. Título.

21-86039

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

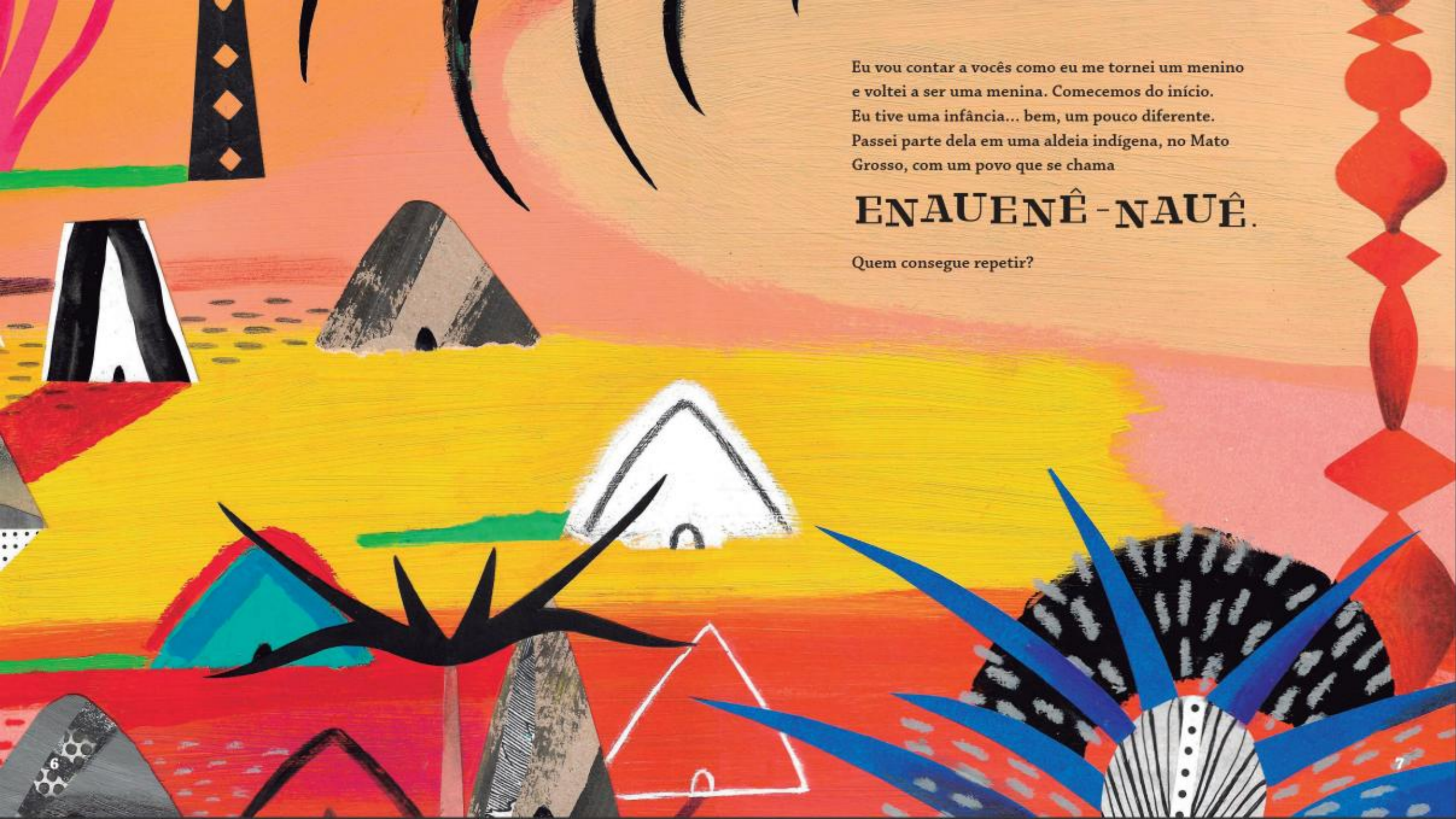
1. Índios: Literatura infantil 028.5
2. Índios: Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Para minhas duas mães:
Virginia e Kawenero

Para meus dois pais:
Vincent e Ataina





Eu vou contar a vocês como eu me tornei um menino
e voltei a ser uma menina. Começamos do início.
Eu tive uma infância... bem, um pouco diferente.
Passei parte dela em uma aldeia indígena, no Mato
Grosso, com um povo que se chama

ENAUENÊ - NAUÊ.

Quem consegue repetir?



Os Enauenê-Nauê, mesmo morando no Brasil, falam uma língua diferente do português. Lá na aldeia, as paredes das casas são feitas de palha, e nossa cama é a rede. O banho é no rio, e o futebol eles jogam só com a cabeça. Não tem sofá nem televisão, mas que coisa boa é a vida na aldeia!

Quando chove, na cidade, os pais e as mães logo chamam as crianças: “Entrem depressa ou vocês vão ficar doentes!”. Pois na aldeia acontece justamente o contrário: a gente corre pra fora e o banho de chuva vira festa.

Quando cheguei, ganhei uma mãe e um pai a mais. Isso porque os índios tinham “casado” a minha mãe com o velho Ataina, o pajé da aldeia, e o meu pai com Kawenero, a esposa de Ataina. Então, o meu irmão e eu passamos a ter uma segunda mãe, um segundo pai, e todos os filhos dos nossos novos pais se tornaram nossos irmãos. Você tem irmão ou irmã? Bem, a partir daquele dia nós ganhamos catorze!



Nós passávamos os dias com os nossos irmãos entre banhos de rio e peixes defumados, entre jogos de arco e flecha e bandos de papagaios... Opa, mas esperem um pouco, estamos avançando rápido demais. No começo, as coisas não eram bem assim; havia um probleminha: eu era uma menina. E lá, sabe, ser menina é um pouco chato. Bem, ao menos era o que eu pensava muitos anos atrás, na época em que esta história se passa.

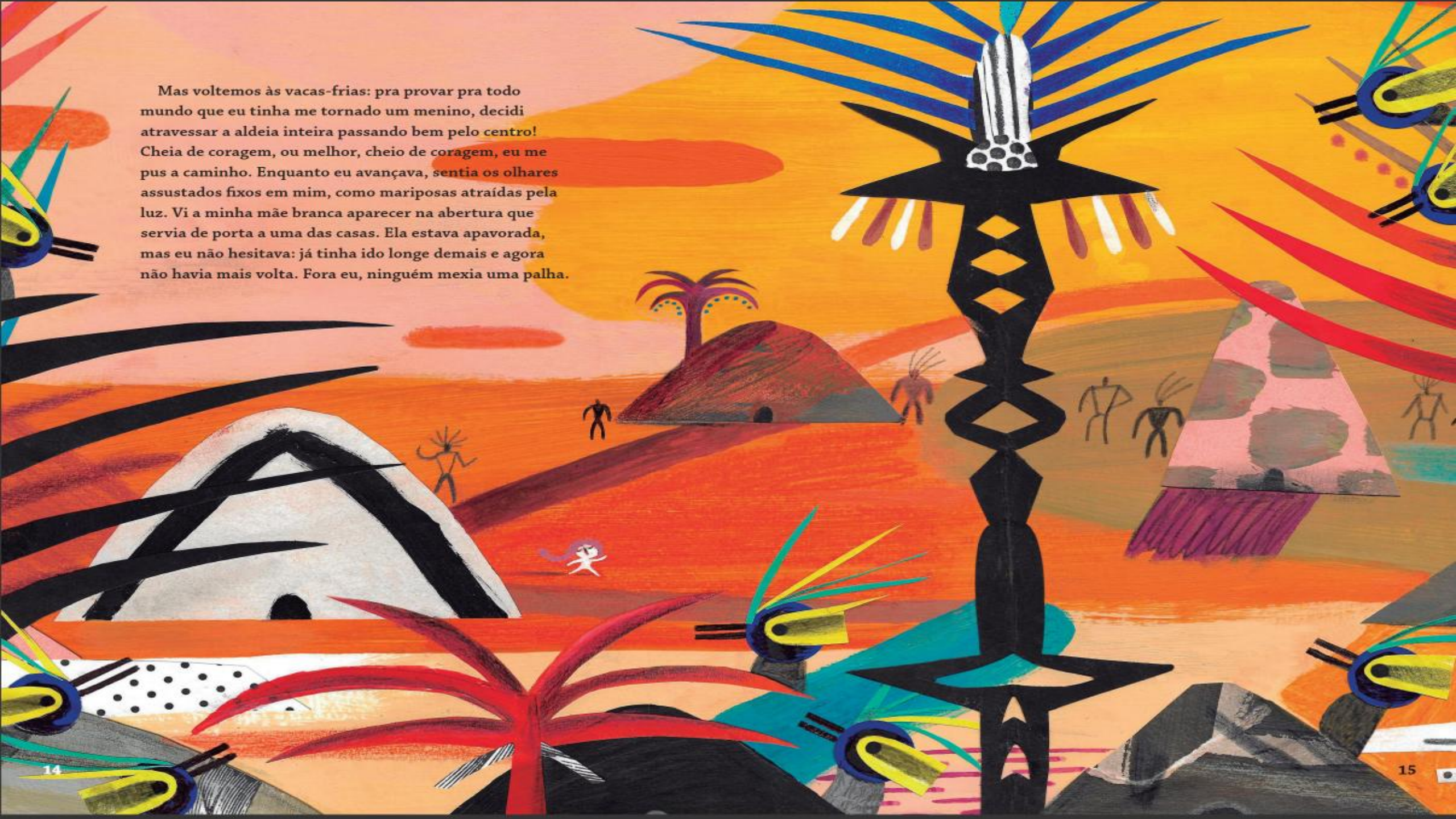


Eu via as minhas irmãs o dia inteiro dentro das grandes e sombreadas casas de palha. Elas ajudavam a preparar a comida, a vigiar o fogo, a cuidar dos bebês e em uma porção de outras tarefas. Enquanto lá fora o sol brilhava, os meninos brincavam, o rio corria e as árvores estendiam seus galhos pra quem quisesse subir. Na aldeia, desde muito cedo as meninas andam com as meninas e os meninos com os meninos, sem se misturarem, feito água e óleo, cão e gato, jacaré e jabuti. Então, diante dessa situação, eu decidi... ser um menino!

Ali, como em todos os lugares, existem regras. As mulheres, por exemplo, são proibidas de passar pelo centro da aldeia. São obrigadas a fazer a volta por trás das casas. Em compensação, ali elas reinam: é lá que põem a conversa em dia, cortam os cabelos, catam os piolhos, contam as histórias... São como dois lados da mesma moeda: o pátio e o lado público da vida são reservados aos homens, enquanto a intimidade da aldeia pertence às mulheres.



Mas voltemos às vacas-frias: pra provar pra todo mundo que eu tinha me tornado um menino, decidi atravessar a aldeia inteira passando bem pelo centro! Cheia de coragem, ou melhor, cheio de coragem, eu me pus a caminho. Enquanto eu avançava, sentia os olhares assustados fixos em mim, como mariposas atraídas pela luz. Vi a minha mãe branca aparecer na abertura que servia de porta a uma das casas. Ela estava apavorada, mas eu não hesitava: já tinha ido longe demais e agora não havia mais volta. Fora eu, ninguém mexia uma palha.





Eis que, subitamente, a minha mãe índia se levantou de seu banquinho à porta da nossa casa e, com seus pequenos passos, fez a volta no pátio pra me encontrar do outro lado. Ela tinha sido a única capaz de uma reação. Ao me alcançar, ela, muito depressa, suspendeu a velha camiseta que eu vestia diante de toda a aldeia. Isso, como eu disse, já faz muitos anos e, naquela época, eu era uma criança e ainda não tinha seios. Era lisa como... um garoto.



Com esse gesto, ela mostrava pra todo mundo que eu ainda não era realmente uma mulher e que eu podia mesmo ser considerada um rapazinho. E foi assim, de improviso e com muita esperteza, que essa amável senhorinha livrou a minha pele. Como todos na aldeia gostavam de mim e achavam muito engraçada aquela menina branca e levada, do cabelo amarelo, concordaram em fazer vista grossa e aceitar a minha nova condição de menino.

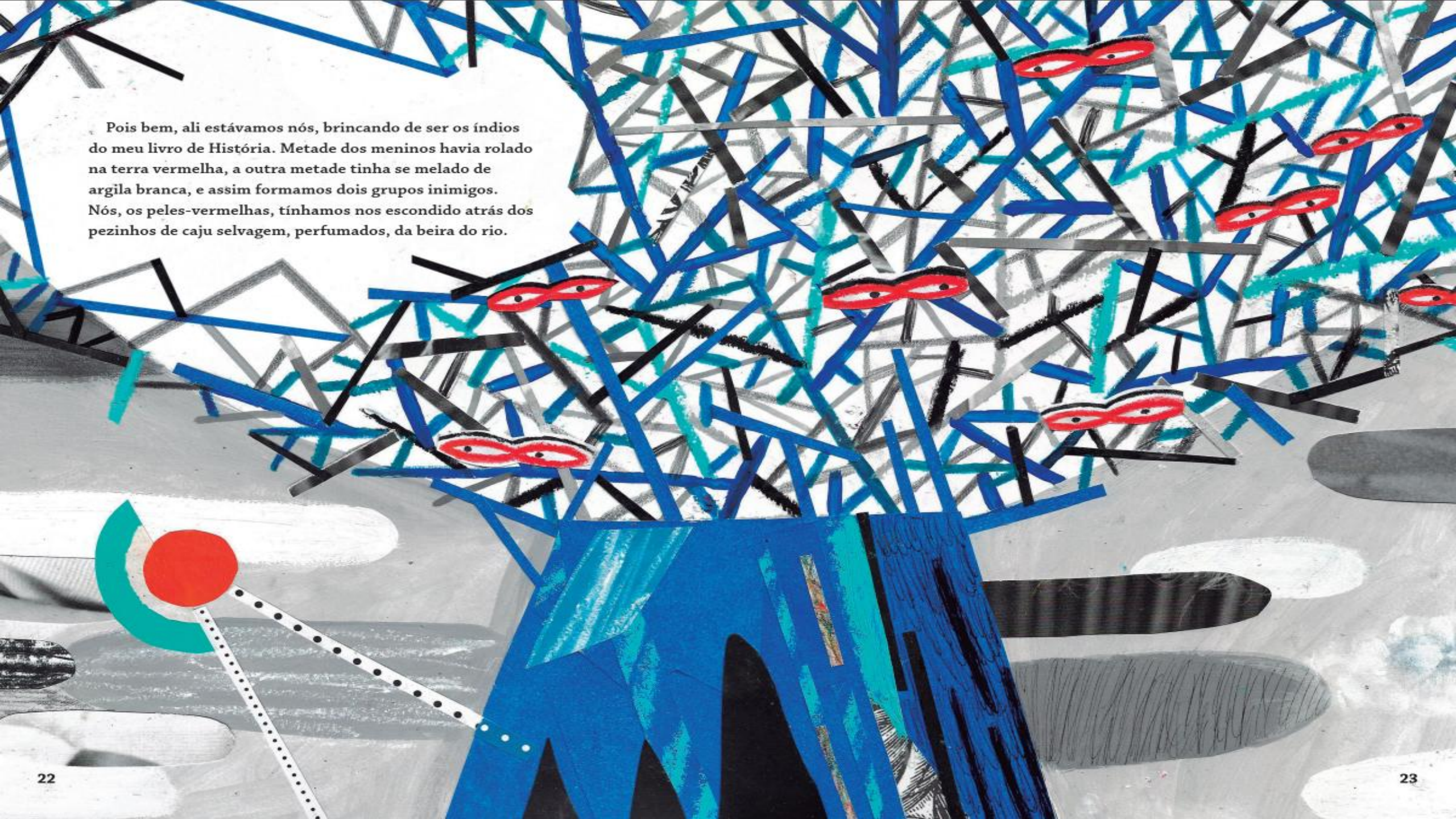
Quanto a mim, tinha conseguido o que queria: banhos de rio sem fim, competições de arco e flecha, corridas de canoa... Ah, e as partidas de futebol! Sim, porque, como contei, os Enauenê-Nauê também jogam futebol, mas tocando a bola apenas com a cabeça. E, a cada bola perdida ou furada, é preciso andar muito na mata pra encontrar as grandes árvores que produzem borracha, as seringueiras. Então, temos que entalhar a sua casca e esperar longas horas pra recolher a borracha que escorre para, enfim, poder fabricar uma bola nova. Nada de comprar na loja da esquina!

Assim nós passávamos os dias fora. Até um pouco demais. Certa vez, decidimos organizar uma guerra: os Tupinambá contra os Tupiniquim. Eu havia lido sobre os Tupiniquim no livro de História da escola, e lá dizia que eram esses os índios que tinham encontrado os portugueses quando eles chegaram aqui. Fiquei muito impressionada, me perguntando como é que aqueles meninos que nunca tinham ido à escola podiam saber da existência desses índios que moravam tão longe dali.

Acontece que os índios caminhavam por toda parte, vendo e ouvindo o que acontecia, e, na cultura deles, cada conhecimento vai passando de bisavô pra avô, de avô pra pai, de pai pra filho, e assim todo mundo acaba sabendo de tudo, talvez até melhor do que a gente, pois a memória tem que funcionar direitinho. Os avós são os maiores tesouros do povo, já que, por terem vivido mais tempo, sabem mais do que qualquer um. Um avô ou uma avó sabidos podem guardar mais histórias do que uma biblioteca inteira!



Pois bem, ali estávamos nós, brincando de ser os índios do meu livro de História. Metade dos meninos havia rolado na terra vermelha, a outra metade tinha se melado de argila branca, e assim formamos dois grupos inimigos. Nós, os peles-vermelhas, tínhamos nos escondido atrás dos pezinhos de caju selvagem, perfumados, da beira do rio.



Ficamos muito quietos, só escutando os outros se aproximarem. Quando sentimos que estavam bem perto, pulamos sobre eles entoando nosso grito de guerra, mas eles eram tantos e tão fortes quanto nós e acabamos todos caindo no rio, às gargalhadas, apagando, assim, nossas pinturas brancas ou vermelhas, igualmente torrados de sol.

Sol que, aliás, já se punha. Os meninos foram saindo do rio um a um. Eles convidaram ao meu irmão e a mim a fazer o mesmo. Nós, porém, estávamos tão bem naquela água morninha no fim do dia, tão satisfeitos de não ir à escola, de não ter horários a respeitar nem dever de casa pro dia seguinte, que decidimos ficar um pouco mais. Nossos amigos insistiram como puderam, mas, como nós não falávamos a mesma língua, acabaram desistindo e partindo.





A água foi ficando prateada e misteriosa. Fazia um silêncio profundo, como num sonho. Meu irmão e eu ficamos quietinhos, recebendo o abraço do rio. Eis que, de repente, nossa mãe branca surgiu no caminho, seguida por nossos amigos. Ela vinha gesticulando e gritava: "Saíam dessa água imediatamente!". Nós não entendemos a razão daquela braveza, mas tratamos de sair rapidinho, afinal mãe brava assusta mais do que onça. Mais calma, ela nos explicou que o pôr do sol é a hora em que a sucuri, a grande serpente que habita o fundo do rio, desperta pra procurar o seu jantar. Ufa, dessa vez nós tínhamos escapado por um triz!



Apesar desses pequenos incidentes da vida de menino, tudo ia muito bem, obrigado. Eu tinha amigos, era respeitado, um bom nadador, razoável com o arco e flecha e estava fazendo progressos no futebol de cabeça, que é muito difícil, quando, inesperadamente, eu... Bem, eu me apaixonei. Pior: eu me apaixonei por um dos meus irmãos indígenas. Mas que culpa eu tinha se ele era o mais bonito, o melhor nadador, o de cabelos mais negros e mais longos, o de dentes mais brancos, feito conchas do rio? E foi aí que eu decidi voltar a ser uma menina.

Então, como se nada tivesse acontecido, fui me reaproximando das mulheres e, muito comportadamente, tentava aprender suas tarefas. Os meus amigos me convidavam para os passeios na floresta, a caça aos besouros, a pesca e os mergulhos nos igarapés, mas eu recusava. Da mesma maneira que eu tinha me tornado um menino aos olhos da aldeia, estava disposta a fazer de tudo pra voltar a ser considerada uma menina. Só que isso não seria tão fácil quanto eu imaginava.

Primeiro tentei a tarefa que me parecia a mais legal: o pilão. Você sabe o que é pilão? É aquela base de madeira com um bastão pra esmagar os grãos que viram farinha pra fazer beiju, bolo ou mingau. Bem, eu peguei o bastão, que me pareceu mais uma árvore de tão pesado, fechei os olhos pra escutar melhor a música que as mulheres faziam com as batidas e saber o momento exato em que eu deveria socar. Nós éramos sete a pilar ao mesmo tempo. Então suspendi o bastão e...





BING! Bati bem no pé da minha irmã, que pilava ao meu lado. Definitivamente, pilar não era pra mim.

Tentei a sorte em uma segunda atividade: fiar. O girar da roca me fazia pensar em um pião e tinha um ar divertido. Você já brincou de pião? Pois é, só que eu estava longe de imaginar como aquilo era difícil! As índias mais velhas me estendiam grossas bolas de algodão cheiroso de sol, recém-colhido... Você sabe que o algodão da roupa que a gente usa é uma planta, não é? Muito bem, eu rodava a roca como podia, tomando muito cuidado pra guardar a ponta do fio entre os meus dedos, mas...

BRADABUM!

A roca e o algodão terminavam sempre no chão, assim como as outras meninas, que rolavam na terra se acabando de rir diante dos meus esforços inúteis.

Me restava uma última esperança: a cerâmica! Finalmente alguma coisa familiar. Afinal, as aulas de argila na escola não tinham sido em vão. Cheguei toda confiante, mas acontece que a argila dos índios não era como a da escola. Era uma mistura de terra com seiva de árvore, difícil de modelar. Mas dessa vez eu tinha que conseguir! Com o passar das horas, todas as mulheres, todas as meninas terminaram seus potes, suas panelas. O dia chegava ao fim e o escuro não permitia que seguissemos trabalhando. Mesmo sem enxergar, eu continuava a lutar com aquela terra dura, que se tornava cada vez mais seca e improvável de virar pote ou panela.


Os mosquitos não aliviavam, e todas se reuniam perto das fogueiras pra não serem devoradas cruas. A fumaça espantava os bichos, e as chamas agasalhavam os corpos contra o frio da noite. Eu, ao longe, gelada e exausta, tinha as mãos ainda na terra. Foi quando a minha mãe Enauenê se afastou do grupo pra vir ao meu encontro mais uma vez: ela pegou das minhas mãos a massa disforme em que eu trabalhava. Tentei resistir, mas a verdade é que eu nem tinha mais forças, frustrada que estava com a ideia de ter que continuar a ser, pra sempre, o menino que eu tinha me tornado.

Sentada na frente de casa, eu olhava o grande pátio da aldeia e as primeiras estrelas que apareciam timidamente. Com elas, uma menina, que mal se equilibrava sobre as pernas, se aproximou de mim. Ela me olhou com seus olhos arregalados e eu tive a impressão de que se perguntava a mesma coisa que eu: que espécie de gente eu era? Seria aquela estranha criatura branca um menino ou uma menina? Sem encontrar a resposta, ela girava em torno de mim, como uma mosquinha à procura de um pouso. Finalmente, pra resolver a questão, ela se aproximou um pouco mais e... me lambeu, pra provar! Aparentemente, ela tinha desvendado o mistério, pois, muito à vontade, escalou os meus joelhos e, tranquilamente, fez no meu colo seu ninho.



A minha velha mãe índia Kawenero, que assistia à
cena havia algum tempo, se aproximou de mim e me
estendeu um lindo pote de terra negra, perfeitamente
liso e redondo. “Pra você, minha filha”, ela disse. Foi
exatamente isso que vocês leram, ela disse: “Minha filha”!
A menina tinha me reconhecido como uma menina e,
por isso, eu fui novamente aceita entre as mulheres.





Eu me sentia muito contente e orgulhosa da minha nova condição, e, mesmo que o meu irmão, por quem eu tinha me apaixonado, nunca tenha me dado a menor bola, mesmo que eu nunca tenha aprendido a fiar ou a pilar, mesmo virando meio palhaça com tantas trapalhadas que faziam rir as minhas irmãs, eu me tornei uma mulher, aprendi a cortar cabelo, conheci cantos e histórias e organizei a primeira equipe de futebol feminino do rio Juruena.

Quando era menina, Rita Carelli passou uma temporada com os pais nos Enauenê-Nauê, em Mato Grosso. Sua mãe, Virginia Valadão, antropóloga, já era estudiosa e grande defensora de povos indígenas, íntima de muitos deles, como os Xavante e os Nambiquara. Era uma grande amiga e companheira de luta, que perdemos cedo demais. Eu admirava sua figura livre, aventureira; dela ouvia magnetizada os relatos de viagens iniciais aos encantadores Enauenê. Quase não tinham contato com os da cidade, não usavam roupas, não conheciam o dinheiro, dedicavam-se a complexos rituais, sobreviviam apenas de roças, pesca e coleta, riam, brincavam. Os visitantes deviam compartilhar com eles tudo o que trouxessem, adaptando-se a seus hábitos. Virginia fez com eles o belo filme *Yäkwa: o banquete dos espíritos*.

Vincent Carelli, pai de Rita, indigenista e cineasta de fama internacional, é criador do Vídeo nas Aldeias; fez mais de cem filmes, ou seus ou em colaboração com os diretores indígenas que formou. É realizador dos premiados documentários *Martírio* e *Corumbiara*. Neste, Virginia aparece estabelecendo o primeiro contato com sobreviventes de povos extintos por massacres, os Akuntsu e os Kanoê.

Em um povo extraordinário e com mãe e pai extraordinários, Rita mergulhou no mundo indígena e guardou uma compreensão que talvez poucos profissionais sejam capazes de atingir. Foi uma experiência marcante, que ficou sob a sua pele para sempre. Na espontaneidade de criança, ia vivendo como os da sua idade, aprendendo as mesmas regras de comportamento, que sem querer, como o livro conta, contestou de repente. Sua integração temporária aos Enauenê-Nauê, a um conjunto de valores diferentes dos urbanos, é um aprendizado – ou a perplexidade – sobre o que é ser mulher ou ser homem, qual a melhor escolha – questão moderna, eterno debate. É curioso e enriquecedor o começo do livro, com o casamento dos pais da cidade com os da aldeia. Com propriedade, a criança Rita e a escritora atual aceitam o que acontece, e apenas nós nos perguntamos se foi na verdade uma cerimônia simbólica ou quais são as características desta família de quatro pessoas casadas entre si.

Rita estudou Letras e Teatro, não Antropologia, mas é antropóloga de fato; é artista, ilustradora, desenha muito bem, foi palhaça, dirigiu filmes e é uma talentosa atriz de teatro e cinema. Eu tenho cá para mim que seu ofício de escritora, crescente a cada livro – preparem-se, leitores! –, tem origem nos povos indígenas, no despertar de diferentes formas de amar, viver, produzir, criar.

Para mim, é muito especial escrever estas linhas. Sigo Rita desde pequena, mas durante anos pouco nos vimos. Em 2016, o acaso nos fundiu, recebi um dom precioso: Rita foi a protagonista da minissérie *Diários da floresta*, dirigida por Luiz Arnaldo Campos, uma ficção baseada no meu livro homônimo, relato das minhas primeiras viagens aos Paiter Suruí, de 1978 a 1983. Ela faz o papel da antropóloga que fui há quase quarenta anos, na alegria e curiosidade de conviver com um povo amado! Espantada, sou moça de novo – em versão muito melhor que a antiga –, metamorfoseada na bela atriz, tão à vontade com o povo dos meus diários como a menina entre os Enauenê-Nauê, agora adulta.

Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestre em Economia pela Universidade de Cornell, Betty Mindlin trabalha em projetos de pesquisa e apoio a povos indígenas da Amazônia e de outras regiões. Publicou sete livros de mitos em coautoria com narradores sem escrita, nascidos antes do contato com o homem branco. O mais conhecido é *Moqueca de maridos* (Record, 1997), traduzido em várias línguas.

O povo indígena Enauenê-Nauê vive no noroeste do estado do Mato Grosso, num ecossistema de transição entre o cerrado e a floresta tropical – o primeiro tem uma vegetação mais baixa e é um importante berço das águas do Brasil, o segundo tem árvores altas, a mata mais fechada e abriga uma enorme diversidade de fauna e flora. Na região de transição, há uma interessante mistura desses dois elementos geográficos.

A aldeia é as terras que esse povo habita há muitos séculos estão localizadas na bacia do Juruena, rio que corre para o Norte do Brasil até chegar ao rio Amazonas. O lugar onde os Enauenê-Nauê e seus antepassados moram faz, portanto, parte do sul da grande bacia amazônica. O rio em que Rita tomava banho quando criança é o Iquê, uma espécie de “galho” aquático do tronco maior que é o rio Juruena.

Como aprendemos com Rita, os Enauenê-Nauê falam uma língua completamente diferente do português... falam uma língua da família do aruaque, que é uma das famílias de línguas dos povos indígenas da América do Sul. Só no Brasil existem cerca de 280 línguas, de diferentes povos indígenas, que já eram faladas muitos séculos ou até mesmo milênios antes de os portugueses chegarem aqui.

A vida na aldeia dos Enauenê-Nauê é muito animada. As crianças brincam bastante e os adultos se envolvem em atividades que servem aos seus extensos rituais. Os rituais dos Enauenê-Nauê estão diretamente ligados aos trabalhos que eles realizam, como plantar, pescar ou coletar e preparar os alimentos.


As tarefas e os espaços pelos quais homens e mulheres desse povo circulam são bem divididos. Mas as mulheres também realizam tarefas fora das casas ou da periferia da aldeia. Quase todos os dias, elas caminham até as roças para colher mandioca. Ou saem para pegar lenha. De vez em quando, nas áreas alagadas, elas pegam peixinhos com a ajuda do timbó, um cipó que contém uma substância que deixa os peixes um pouco tontos até boiarem, o que facilita a pesca. Durante alguns meses, vão de barco às roças de milho e, uma vez por ano, à coleta de mel. Fazem tudo isso e muito mais, em geral, acompanhadas de crianças, mas às vezes também de seus maridos.

Há ainda dois aspectos importantes relacionados ao trabalho numa aldeia indígena. O primeiro: a maior parte da comida é distribuída para toda a população, de modo que ninguém passa fome. O segundo: essa distribuição é feita na praça central, durante as cerimônias de música e dança dedicadas aos diversos tipos de espíritos que moram em diferentes partes do território ou na aldeia celeste, onde estão seus ancestrais. Isso significa que, para os Enauenê-Nauê, assim como para outros povos indígenas, cantar, dançar ou tocar um instrumento (especialmente a flauta!) também é considerado trabalho – um trabalho para alegrar os espíritos que tomam conta dos bens do meio ambiente, como os rios, as florestas, os bichos, as pedras etc.

Para que tudo fique bem bonito, algumas pessoas com excelente memória e talento musical guiam os músicos-dançadores. Conhecer bem o extenso repertório musical de cada tipo de espírito é uma tarefa tão difícil que os *sotakatare*, como são chamados os mestres puxadores da música, são considerados os chefes mais importantes da aldeia. Como sábios da floresta, a principal tarefa dos *sotakatare* é atuar como maestros que conectam a música à ecologia – ou seja, são eles que decidem quais músicas os Enauenê-Nauê cantam e dançam a cada fase do calendário cerimonial, levando em conta o ritmo de amadurecimento das plantas, os movimentos de migração e desova dos peixes, a produção de mel pelas abelhas etc.


A mais longa e trabalhosa celebração dos Enauenê-Nauê se chama Iyaókwa e dura 7 meses. Além de cantar e dançar por mais de 5 horas por dia, nesse período os homens da aldeia pescam com barragens de madeira em vários rios, entre eles o Iquê. A vida e a cultura desse povo não podem existir sem o Iyaókwa, por isso esse ritual foi incluído pela Unesco, em 2010, na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial que Requer Medidas Urgentes de Salvaguarda. Ele continua, porém, ameaçado pela construção de hidrelétricas.

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ana Paula Lima Rodgers é especialista em Etnologia Indígena e Etnomusicologia das Terras Baixas Sul-Americanas e no povo Enauenê-Nauê, além de pesquisadora da UNESCO/Museu do Índio (RJ).




Oi, leitora e leitor! Este livro foi escrito por Rita Carelli, que nasceu em São Paulo. Mas sabia que, ainda criança, ela foi morar num lugar bem diferente?

É mesmo? Onde, em outro país?




Não... Aqui no Brasil mesmo. A Rita viveu parte da infância em uma aldeia indígena no estado do Mato Grosso. E foi assim que surgiu a história contada neste livro.




Olha só! É por isso que ela conseguiu passar uma visão tão sensível da sociedade e da cultura do povo Enauenê-Nauê.


Sim! E essa visão ficou ainda melhor com as ilustrações da argentina Anabella López, que misturam pintura e colagem. Ela mostra detalhes importantes desse povo indígena, como as tatuagens na barriga das mulheres, a forma das casas e a dimensão do pátio da aldeia.



E você sabia que *Minha família Enauenê* é um livro do gênero conto? Pois é... O conto é uma narrativa como o romance, mas é mais curto. Nele, os elementos da narrativa, como personagens, tempo e espaço, são condensados.



Verdade, né? Estou pensando na história e, realmente, ela se concentra na vida da protagonista, em um período específico da vida dela e em um lugar também específico: a aldeia Enauenê-Nauê.



Nossa, aprendi muito, muito com a leitura deste livro e com a nossa conversa! Sobre literatura e sobre o povo Enauenê-Nauê.

Quero mais!



Você sabe dizer Enauenê-Nauê sem gaguejar? Rita Carelli, a autora deste livro, sabe muito bem. E tem mais: ao passar parte da infância na aldeia indígena dos Enauenê-Nauê, ela aprendeu não só novas palavras, mas também costumes muito diferentes daqueles a que estava habituada na cidade. Na vida da aldeia, algo em especial chama a sua atenção: as brincadeiras e responsabilidades são diferentes para meninos e meninas. Ela se vê então num impasse. Prefere brincar, nadar no rio ou jogar futebol de cabeça a cuidar dos bebês, pilar ou fiar. E agora? Fruto de uma inesquecível experiência pessoal, *Minha família Enauenê* aborda, de forma sensível e divertida, a importância de compreender, respeitar e valorizar diferentes modos de vida.

Minha família ENAUENÊ

Rita Carelli

ILUSTRAÇÕES
Anabella López

Editora
Mediação

ISBN 978-65-5536-020-0



16x22cm

Editora
Mediação